

OFICINA

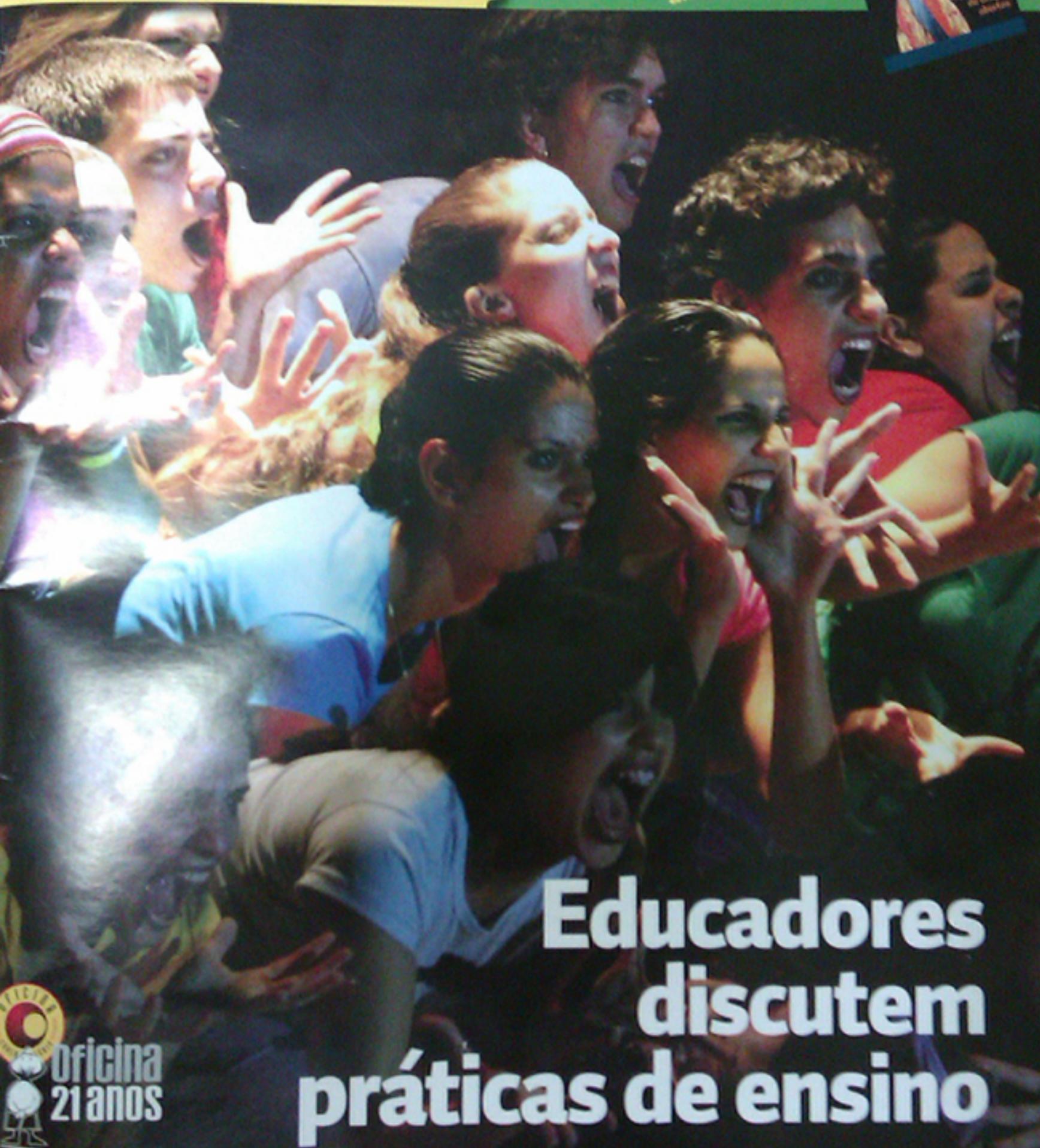
ANO I
NÚMERO
1
NOVEMBRO
2010

de Educação



Conheça a
História dos 21
anos do Oficina
Página 19

Oficina Conquista,
um projeto
que deu certo
Página 51



Educadores discutem práticas de ensino

Escola também é cultura



Romulo Lins
Departamento
de Matemática
e Programa de
Pós-Graduação
em Educação
Matemática,
IGCE, UNESP-Rio
Claro/SP

A verdade é: cada um de nós gosta de algumas coisas e não gosta de outras. Uns gostam de jiló, outros não; uns gostam de polvo, outros não. Eu até vi num documentário, outro dia, que há culturas nas quais se come o polvo ainda vivo. Se fosse aqui no Brasil, isto certamente seria visto, pela enorme maioria da população, como coisa de mau gosto, nojenta mesmo. Mas para os coreanos – ou muitos deles – parece que não.

Mas não é só com relação à comida que isto acontece. O gosto musical das pessoas, apesar da pressão da propaganda, varia bastante. De axé a blues, de música sertaneja à ópera e ao jazz e ao pagode. E o mesmo vale com relação aos modos de se vestir.

De modo geral há uma boa dose de tolerância com relação às escolhas que as pessoas fazem com relação a estas coisas. Uma pessoa pode dizer que a outra tem mal gosto porque gosta deste tipo de música e a outra vai dizer que a música que aquela ouve é uma chatice. Alguém vai dizer que é desumano jogar um caranguejo vivo na água fervente, mas se esquece que quando jogamos o grão de feijão na água fervente, ele está vivo, porque se for colocado no solo irá germinar. “Ah, mas feijão não é feito caranguejo...” Pergunte a um budista.

A mesma coisa que dizemos com relação a gostos daqueles tipos, talvez possam ser ditas com relação a valores, valores que em grande parte regem nossas atitudes, sentimentos e decisões. Valores de todos os tipos estão na base da constituição de culturas. Em outras palavras, culturas são constituídas sobre certos conjuntos de valores. Estes valores podem se referir, por exemplo, ao direito a liberdades individuais – liberdade de expressão, liberdade religiosa, liberdade política. Mas se estes três valores acima são em geral reconhecidos como obviamente “naturais”, hoje em dia, nem sempre o foram, como mostra o estudo da história das civilizações.

Por outro lado, nem todos os valores de nossa cultura são tão explícitos assim, embora sejam bastante fundamentais também. Por exemplo, cobrimos nossos corpos com roupas, a não ser em situações bastante excepcionais e, mesmo assim, a nudez completa na rua não é aceita em nenhum lugar *por lei* – à exceção de praias de nudismo, por exemplo, que são áreas de acesso restrito. Eu acho este caso das vestimentas interessante, porque ele nos coloca frente a algumas situações desafiadoras.

Por exemplo, muitas vezes eu dou aulas, na universidade, usando sandálias havaianas (me desculpem a propaganda!). Pois há colegas meus que acham isso um absurdo, que um professor universitário deveria se dar ao respeito! Pois bem. O que acha errado eu usar havaianas dá aulas de bermudão – e usa quase que o tempo todo. Meu deus do céu! O que é isso? Dar aula de bermudão? Pois eu *garanto* que *nunca* ninguém vai me ver usando bermudão, muito me-

nos dando aula, usando um! Por quê? Porque eu acho um tipo de roupa de muito mau gosto, feia mesmo, esquisita, aquela calça no meio da canela, como se tivesse encolhido.

O interessante é que há nem tanto tempo assim, de fato jamais me seria permitido dar aulas de havaianas, ou que professores não dessem aulas de paletó. *Estes eram os valores dominantes.*

Atualmente está acontecendo na França um processo que, especialmente para nós, não-franceses, é difícil de entender: o Parlamento francês aprovou uma lei que proíbe o uso das burcas por mulheres muçulmanas, em espaços públicos (escolas e ônibus, por exemplo). Os argumentos em defesa da medida variam, de defender as mulheres contra a opressão até questões de segurança. A burca, se você não se lembra, é aquele véu que cobre o rosto das mulheres muçulmanas; alguns deixam os olhos à mostra, mas outros escondem o rosto completamente.

Vamos e venhamos: é uma violência contra a mulher obrigá-la a esconder o rosto, certo? Eu nunca encontrei, pessoalmente, uma mulher que dissesse o contrário.

Mas também não encontrei uma única mulher que admitisse que *seja* uma violência contra ela que ela seja *obrigada* a *esconder* boa parte de seu tronco (com blusas, ao invés de burcas...). E pior: imagine uma mulher, professora, que do dia para a noite fosse *obrigada*, por efeito de uma lei, a dar aula seminua, sem blusa ou camiseta. É justo com ela? Pois se você der uma busca na internet vai encontrar depoimentos de mulheres muçulmanas que dizem que com a burca sentem-se *confortáveis, protegidas dos olhares dos outros*. E não é isto que a blusa faz para a maioria das mulheres de nossas culturas?

Os exemplos deste tipo são *muitos*, e todos nos ensinam que muitas vezes valores são usados para exercitar uma disputa pelo poder, que é sempre poder simbólico. No caso da França, muitos analistas acreditam (e estou de acordo) que se trata apenas de dizer aos muçulmanos que quem manda na França são os franceses e que se eles quiserem vão obrigar os muçulmanos que vivem lá a agirem como franceses.

Veja, o que está em jogo aqui não é se os muçulmanos estão certos nem se os franceses católicos estão certos. O que eu quero destacar é que a vida em sociedade e, portanto, dentro de culturas, envolve constantes lutas por valores. E é aqui que chegamos ao interior da escola.

“No meu tempo”, quando eu ia à escola, não me lembro de nem uma única vez ter perguntado à minha mãe ou a meu pai por que é que eu devia ir à escola.¹ Mas isso não queria dizer que eu gostasse igualmente de todas as matérias, nem que em uma certa matéria eu gostasse de tudo ou não

1. Mas meu filho, que é filho de um professor, já me perguntou isso. E qual é a resposta que se pode dar a um jovem que faz esta pergunta? Podemos dizer “porque sim”, mas parece que esta resposta não nos leva muito longe, porque a pergunta do jovem é feita exatamente em busca de *sentido* para se ir à escola.



gostasse de nada. Em Português, por exemplo, eu gostava muito de escrever, mais ou menos de ler e detestava análise sintática. E por aí ia. É claro que o mesmo se passava com meus colegas, independente de ser um colega que estudava mais ou que estudava menos, que prestava mais ou menos atenção nas aulas.

Será, então, que me obrigarem a estudar análise sintática foi uma forma de violência contra mim? Eu acho que a resposta é, ao mesmo tempo, sim e não.

Se eu pensar em como me sentia na época, a resposta é sim, porque o que me lembro é que era como uma tortura. Em particular, me lembro de uma vez em que fiquei de recuperação (na linguagem de então, “segunda época”) e tive que fazer uma prova, se não passasse reprovava. Minha mãe até me arrumou uma professora particular, mas não adiantava. Na hora da prova, que só eu tive que fazer em minha turma, quem tomava conta era uma secretária que, certamente por obra de anjos, era também professora de Português. E se ela não tivesse me “passado cola” (imagino que com pena de mim, naquela situação terrível) eu teria sido reprovado e nem sei como ou quanto minha vida teria sido diferente.

Agora vejam só: o futuro de um jovem nas mãos da análise sintática que, aliás, eu *nunca mais* estudei nem tive que usar.

Por outro lado, hoje posso entender que, para quem criou aquele currículo, não havia violência nenhuma, que análise sintática era uma coisa que todas as pessoas deveriam estudar e conhecer, como parte do patrimônio do conhecimento humano. *Talvez* estas pessoas vissem uma aplicação dela na vida das pessoas mas, para falar a verdade, eu acho mais provável que não se preocupassem com isto. De todo modo, havia colegas meus que não só não tinham dificuldades neste assunto, como até *gostavam* dele.

Para mim a Matemática era o oposto. Eu sempre gostei de *tudo* nela. Não consigo me lembrar de uma única experiência ruim que eu tenha tido, relacionada com a Matemática. Pelo contrário, eu me lembro de problemas que resolvi, de aulas que tive (inclusive uma aula do primário!!). Às vezes,

quando eu era jovem, pegava um livro de Matemática para ler, como quem lê um romance. E, por fim, decidi me tornar professor de Matemática.

Mas me lembro muito bem de colegas meus para quem a Matemática e suas aulas eram uma tortura, e tudo que eu disse sobre análise sintática eles certamente diriam sobre a Matemática.

Conclusão: talvez nossas ideias sobre a escola precisem de um ajuste. Eu acredito que é preciso repensar o currículo, e acredito que o ideal seria um currículo que pedisse, de cada área do conhecimento, o mínimo que consideramos necessário e adequado à formação de uma pessoa, e o resto seria complementado com mais escolha. Por exemplo, se gosta mais de Matemática, escolhe ter mais aulas de Matemática, além das que todo mundo teria que ter em comum. Gosta mais de História, a mesma coisa, e assim por diante.

Mas, para terminar, queria enfatizar o fato de que a escola é uma instituição central em nossa sociedade, e que ela tem diversos papéis essenciais. Com isto quero dizer que todos, alunos, professores, pais, a sociedade em geral, devem valorizar a escola e a educação escolar, tanto quanto são valorizadas as iniciativas de educação não-escolar.

Se acharmos alguma coisa “errada” na escola, é nosso dever *cultural* procurar e propor *soluções, inovações* que tornem a escola mais próxima do que gostaríamos que ela fosse.

Matemática para algumas pessoas é como ler um romance



Os suportes da teoria construtivista garantem uma prática com pequenos grupos de crianças, que tem sua individualidade preservada, enquanto constroem aprendizagens significativas nas diversas áreas de atividade.

Atividades extraclasse

Artes Visuais, Literatura, Capoeira e Teatro.

Realizamos

Mostra Cultural, Festival de Artes contemplando as diversas linguagens, Excursões, Ciclo de Palestras.

Oficinas nas férias

com excursões, lanches coletivos e festas.

Educação Infantil & Ensino Fundamental da 1ª a 4ª Série

Matutino 08:00 às 12:00h | Vespertino 13:20 às 17:30h

Rua dos Radialistas, 37 - Pituba- tel.: 3240-4002